



CONGO: PATRIMÔNIO IMATERIAL AFRO-BRASILEIRO DE ARAÇATIBA, VIANA, ES

CONGO: INTANGIBLE HERITAGE AFRO-BRAZILIAN OF ARAÇATIBA, VIANA, ES

Karolline de Oliveira Lourenço¹

RESUMO

O presente artigo versa analisar o patrimônio imaterial do congo na comunidade de Araçatiba, Viana, ES, sendo um desdobramento de uma pesquisa em andamento. Possibilitando a apresentação da materialidade e o ritual do congo nessa comunidade e suas memórias, proporcionando assim a interseção da cultura de uma comunidade tradicional e os espaços expositivos.

PALAVRA-CHAVE

Patrimônio imaterial; Memória; Arte.

ABSTRACT

This article analyzes the intangible heritage of the Congo in the community of Araçatiba, Viana, ES, being an offshoot of an ongoing research. Enabling the presentation of the materiality and ritual of the Congo in this community and its memories, thus providing the intersection of the culture of a traditional community and the exhibition spaces.

KEYWORDS

Intangible heritage; Memories; Art.

INTRODUÇÃO

O artigo faz parte de uma pesquisa que se iniciou no ano de 2013, durante a graduação em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo e desdobrou-se na Pós-Graduação em Artes, permanecendo a investigação sobre a cultura imaterial do congo no Espírito Santo, tendo como objetivo central a banda de congo Mãe Petronilha, que atualmente é conhecida por esse nome, mas em seu contexto histórico essa banda sofreu transformações, que o qual resultou na mudança de nome, era chamada de banda de congo de Araçatiba, tendo como referência o nome da comunidade pertencente.

¹ Karolline de Oliveira Lourenço é discente no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo e Licenciada em Artes Visuais - UFES. Contato: karollartes@gmail.com.



A comunidade de Araçatiba é uma comunidade remanescente de quilombo, está dividido entre o rural e o urbano, e cada vez mais vem sofrendo modificações com a urbanização. A região de Araçatiba, pertenceu as terras da antiga fazenda jesuítica, que tinha um potencial agrícola de abastecimento ao colégio de São Tiago, na capital Vitória, até a expulsão desses do Brasil 1759. Houvesse várias partilhas de terras nessa propriedade, até chegar na posse da família do coronel Bernardino Falcão de Gouveia, que após sua morte, seu filho Sebastião Vieira Machado tornou-se dono.

Além de Araçatiba ser uma grande propriedade, de acordo com VERTELO (2017) foi uma numerosa fazenda escravista, que e após a morte do coronel Sebastião, sofreu outras partilhas entre seus herdeiros, e os mesmo doaram as terras do alto da capela para a santa Nossa Senhora da Ajuda no ano de 1894, a padroeira do lugar.

Atualmente uma das representações da cultura tradicional afro-brasileira dessa comunidade se materializa através da linguagem do congo, uma prática que tem como fonte a oralidade, os cantos, os instrumentos, mastros, bandeiras, devoção aos santos e a memória de um grupo.

Através dos anos de pesquisa, e o envolvimento na comunidade com o ensino, pesquisa e extensão, surgiu o interesse em analisar a banda de congo Mãe Petronilha, conhecendo o seu histórico e os personagens que estão vivos na memória dos integrantes da banda, integrantes esses que são os detentores da cultura e da memória social desse grupo.

O CONGO DE ARAÇATIBA E SUAS REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS

O congo é um Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Espírito Santo desde o ano de 2014, e em seus descritos, o congo tem uma forte influência da cultura indígena, africana e portuguesa. Pois de acordo com SANTOS (2016), sobre os estudos do congo no Espírito Santo, os instrumentos usados nas bandas de congo, são derivados das tradições afro-brasileiras e ameríndias. E a devoção aos santos, vem do catolicismo imposto pela igreja católica.

O território de Araçatiba, também teve a influência desses povos e suas diferentes culturas, pois desde o período jesuítico, documentos mostram a presença indígena na região, que



atualmente contam com seus sítios arqueológicos com fragmentos de cerâmicas espalhados na comunidade, mostrando a cultura e os locais de vivência desses na região. Com a colonização e a construção da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda nota-se a forte presença da cultura católica portuguesa com a arquitetura da Companhia de Jesus, com o processo de escravidão negra na fazenda, esses também deixaram as suas raízes, tendo reflexo a cultura dos negros da região e seus modos de vivência, que apontam como possibilidade, que o congo é a herança dessa ancestralidade negra da antiga fazenda.

Araçatiba mesmo tendo influência de outros povos, atualmente o que se sobressai além do monumento arquitetônico da igreja de Nossa Senhora da Ajuda é a tradição cultural imaterial da comunidade, que está ligada aos batuques, os cantos e os rituais de um grupo. Para BARTH (2000), quando um grupo usa uma forma de se categorizar e categorizar os outros usando as suas identidades étnicas formam-se um grupo étnico, sendo assim a banda de congo Mãe Petronilha é um grupo étnico em uma comunidade tradicional, que o qual não sofrerão processos de ruptura na banda e permanecem o único grupo de congo dessa comunidade.

Atualmente a banda de congo, é composta pelos integrantes que residem na parte superior da comunidade que variam entre 15 a 20 pessoas nas apresentações, entre crianças e adultos, que a maioria desses possuem um grau de parentesco, compondo uma característica desse grupo étnico. A matriarca da comunidade e congueira de 87 anos, Dona Emiliana Coutinho, diz que os negros da comunidade além de congueiros e devotos, são “herdeiros da santa”.

A comunidade além da tradição do congo, ainda guarda uma característica peculiar, que são as terras de propriedade de Nossa Senhora da Ajuda, doada a santa em 1894 pelos herdeiros do coronel, e para Dona Emiliana, as terras e a igreja foi preservada pelos negros que zelam pela igreja.

“Nossa Senhora da Ajuda é padroeira do lugar...
Louvai São Benedito, oh louvei, oh louvai”

A toada acima, cantada pela banda de congo, demonstra a fé e devoção desses, a santa Nossa Senhora da Ajuda como padroeira do lugar e São Benedito como padroeiro e santo



dos negros. A santa aparece nos cantos e nos rituais que acontecem no pátio da igreja, lugar esse que faz parte da memória do grupo, estando a banda presente nos festejos a Nossa Senhora da Ajuda que acontecem no dia 8 de setembro, e os festejos que vão de dezembro a fevereiro, ligados a devoção a São Benedito no dia 26 de dezembro, São Sebastião no dia 20 de janeiro e podendo ser adiado até o dia de Nossa Senhora das Candeias, 02 de fevereiro.

Através da devoção, as bandas de congo do Espírito Santo possuem alguns símbolos que compõem essa prática, e uma dessas representações está na bandeira dos mastros e nos estandartes das bandas. Na banda de congo Mãe Petronilha, apesar da devoção a santa, o santo que representa a devoção desse grupo, é o santo São Benedito, presente além da bandeira do mastro, na estampado na parte da frente das camisas dos integrantes.

Gonçalves (2003,p.31), nos mostra que o patrimônio imaterial envolve uma série de relações entre as pessoas, suas devoções e seus rituais, identificando que no patrimônio imaterial, as pessoas usam seus símbolos não somente como objetos, mas como uma expressão, um meio de representação de comunicação do homem com as forças etéreas. O congo também possui essa particularidade através das suas linguagens, como os cantos, a bandeira, o estandarte e a dança, caracterizando essa prática ligada a devoção de São Benedito e com forças ancestrais dos grupos.

A devoção ao santo está tão presente no cotidiano desses,que segundo o mestre da banda de congo Mãe Petronilha de 49 anos, Ademir Gonçalves Gomes, a devoção ao santo e o congo é tudo para ele.

[...]hoje faço parte da banda de congo, hoje sou a pessoa que sou devota de São Benedito, por tudo ter acontecido, e uma coisa que faço por gosto, faço por gostar por devoção, é uma coisa que, num tem preço, num tem nada, num tem...nada nessa vida que faça assim eu deixar essa coisa que eu descobri nesse momento, que hoje eu encontro que graça a Deus eu tenho muita proteção do senhor e vou levar dessa vida até o fim, até Deus me por de pé[...] (GOMES. Ademir Gonçalves, 2018, entrevista concedida a Karolline de Oliveira).

Além da devoção expressada através do seu legado de mestre de congo, Ademir relatou diversas vezes durante a pesquisa,que além da devoção ao santo na banda de congo, “São



Benedito é meu padrinho de batismo”, e a partir dessas declarações, o santo torna mais próximo do devoto e também afillhado.

Sobre as representações da banda de congo, nos meses de festas, estão ligadas aos festejos aos santos já citados nesse artigo, que acontecem na parte mais alta da comunidade, em frente da igreja, onde é fncado o mastro com a bandeira de São Benedito, e demarcando o território e a devoção desse grupo étnico na comunidade.

A cada ano, os mestres da banda escolhem os guardiões ou também chamados de festeiros da comunidade para guardar a bandeira e o mastro em sua casa. No dia do festejo, é feito um cortejo para buscar esses dois elementos importante do ritual, nas casas ou quintais desses, seguindo primeiro em buscada bandeira e depois do mastro, onde a banda toca e dança, e é servido pelo festeiro ou guardião a comida e a bebida. Para os adultos a bebida é o vinho e para outros refrigerantes, mas servindoa todos presentes no cortejo.

Outra materialidade que se destaca nas bandas é os instrumentos e indumentárias, cada banda de congo tem sua especificidade, com as cores e tipologia dos instrumentos, sendo variados, artesanais ou industrializados, e suas roupas podem demonstrar a hierarquia de cada congueiro na roda ou no cortejo.

Como o objeto de pesquisa é a banda de congo Mãe Petronilha, faço a análise desse grupo, pois no Espírito Santo existe uma diversidade de elementos simbólicos nas bandas de congo, que esses detalhes são expostos e analisados através dos instrumentos e indumentárias, podendo ter vários estudos sobre esse rico material, que trazem além de uma composição de cores e objetos, a identidade cultural de cada grupo.

Os instrumentos da banda de congo Mãe Petronilha são tambores, chocalhos, casacas e o apito, dando ênfase a marcante a batida dos tambores, que os maiores são tocados sobre, como cavalgada, e os menores são utilizados de lado com alças, e trazem como representação as cores da banda o branco e azul. As casacas são de várias cores e com características diversas, não tendo um padrão, mas seguindo a característica do instrumento de ter a cabeça esculpida. Os chocalhos são dois, um de alumínio com materiais que produzem som no seu interior ao serem balançados, e o outro possui miçangas no seu



exterior, que para ser tocado é necessário o atrito com a mão. O apitoé simples, e usado pelo mestre da banda para a marcação do ritmo das batidas.

As vestimentas da banda, são usadas somente nos dias de apresentações e nos festejos, são as camisas com a estampa de São Benedito com o nome da banda, acompanhados para os homens a calça e as saias estampadas para as mulheres, sem hierarquizar nenhum integrante da banda, diferenciando de outras bandas, que a rainha e o mestre têm a indumentária em destaque.

Sendo assim, a tradição do congo, produz o material que faz parte do ritual e quem tem uma relação com a prática e reconhecimento do grupo por suas devoções, sendo também um tipo de identificação desses grupos em cortejos que reúnem diversas bandas de congo, e além, é claro dessa materialidade expressar através de seus símbolos a identidade cultural de cada grupo. OLIVEIRA (2005), em sua pesquisa sobre a comunidade quilombola de Retiro, mostra que a dança do congo é um demarcador social para com seus agentes externos e de identidade do grupo, podendo assim se diferenciar de outras pessoas da comunidade que não pertencem a esse grupo étnico, e outros de fora da comunidade que identificam quem é esse grupo.

Outra característica marcante dessa comunidade afro-brasileira, é a oralidade, pois durante esses anos de pesquisa sobre o congo em Araçatiba, necessitei do envolvimento desses agentes na pesquisa, e assim me debrucei sobre as memórias desse grupo e de Dona Emiliana, que é uma *griots*² da comunidade.

Segundo LIMA e COSTA (2015, pg.230), no Brasil as populações da diáspora e indígenas, têm uma forma de organização e transmissão dos conhecimentos por meio da oralidade, contando as memórias da comunidade e baseando as com o mundo. Entretanto diante das descrições e a vivência com Dona Nini, ela preserva essa herança oral da comunidade, tornando assim a história contada de Araçatiba pelo matriarcado, que também é uma das características da africanidade em comunidades tradicionais.

² GRIOT - Tem como função transmitir a tradição histórica por meio da oralidade, palavra de origem francesa, e na cultura africana eram os cronistas, genealogistas, arautos, aqueles que dominavam a palavra. Ver mais em: Dos Griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil.



Entre as diversas memórias que Emiliana compartilha, aparece também a banda de congo, e o nome de Petronilha Maria da Conceição, que é sempre mencionado. Também conhecida como Mãe Tiotó, a mulher negra nascida no ano de 1900, foi rainha da banda de congo de Araçatiba e reconhecida por Dona Emiliana como zeladora do congo, e outra memória de Petronilha era a sua função como e parteira da comunidade.

Para Pollak (1992, p.5), a memória constitui o sentimento de identidade, tanto a memória coletiva e individual, e sendo um fator importante para a continuidade e coerência de um indivíduo ou um grupo, trabalhando assim a reconstrução desses.

A partir desses apontamentos, sobre memória de Petronilha, compreendi através da pesquisa e entrevistas de outros integrantes como o mestre da banda Alício Machado, de 74 anos e neto dessa personagem, que a figura dela está ligada diretamente como representante do congo de Araçatiba, e desse grupo étnico, e por causa dessa importância, foi necessário materializar essa personagem no congo após sua morte, dando a banda de congo o seu nome, compondo assim o termo Mãe, pela função de parteira, e em junção ao seu nome, passasse chamar Banda de Congo Mãe Petronilha.

É a partir da importância da materialidade simbólica da comunidade, que está entrelaçada a sua memória, que se iniciou o desdobramento, e surgiu a oportunidade de trabalhar a representatividade da prática do congo em outros espaços, em um diálogo entre arte, pesquisa e comunidade.

OS OBJETOS E SEUS ESPAÇOS

Atualmente no Espírito Santo, alguns espaços expositivos estão abrindo oportunidades para que a prática do congo se torne também uma linguagem visual além dos seus lugares de ritos, como foi apresentado, o congo tem a sua materialidade, que compõem essa prática tradicional. Esse processo de construção de espaços que trabalham a cultura tradicional, vem reformulando o que durante tempo foi julgado como uma cultura menor e “popular”, trazendo uma nova proposta sobre o patrimônio imaterial para a sociedade, e para as comunidades congueiras, que durante anos se sentiram excluídas do quadro cultural da cidade. A experiência parte duas exposições que teve a prática do congo como tema, tendo



como referência a comunidade de Araçatiba e a banda de congo Mãe Petronilha, que o qual participei diretamente da organização, montagem e monitoria dessas exposições, podendo assim fazer alguns apontamentos sobre o patrimônio imaterial e a arte, iniciando uma breve discussão entre esses paralelos.

Os espaços expositivos foram: a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo em localizado em Goiabeiras em Vitória e a Casa da Cultura no município de Viana.

Essas exposições tinham como linguagem visual, fotografias do grupo de seus rituais, os objetos de memória da banda e seus instrumentos. Essas intervenções tinham como processo a interação das comunidades com a exposição, pois os objetos de memória e os instrumentos foram escolhidos por esses, e a curadoria e organização, pensou a composição desses no espaço.

A exposição “Griô, poéticas de um olhar”, foi composta por esses materiais da comunidade de Araçatiba e seu entorno, que aconteceu no ano de 2014 na Biblioteca da UFES, sendo uma atividade do Programa de Pró- Reitoria de Extensão PROEXT³, que me encontrava na condição de bolsista, pesquisadora e aluna de Artes, e o programa contava com o espaço físico o Laboratório de Pesquisa em Artes LEENA.

A segunda exposição chamada “AYA”, um coletivo de trabalhos fotográficos da comunidade de Araçatiba, desenvolvidos pelos artistas e pesquisadores Bruna Wandekoken e Rubens Teixeira, que teve como local o município de Viana, na Casa de Cultura, espaço físico da secretária de cultura do município.

A partir dessas exposições, início as indagações sobre o patrimônio imaterial e esses espaços, pois além das intervenções nesses, foi possível a interação da comunidade e com seus objetos de memória. A interação tinha como um dos objetivos, o trabalho de pertencimento desses agentes detentores da cultura, e através desses trabalhos, o grupo e suas memórias foram apresentados e expostos em outro espaço, trabalhando o pertencimento dessa comunidade e grupo.

³ Programa de extensão da Universidade Federal do ES, com o título “Proext- Espaço Cultural Quilombola: mapeamento físico e cultural do território da antiga Fazenda de Araçatiba”, programa interdisciplinar que contava com alunos dos cursos de Artes Plásticas, Artes Visuais, História, Letras e Geografia.



Apesar que essas exposições tiveram um ponto comum para a linguagem das Artes, como a fotografia e alunos de Artes e artistas trabalhando na estrutura e curadoria dessas, ainda existem o questionamento sobre essa proposta, isso é Arte? E qual foi o papel da exposição para os envolvidos e o público?

A partir dessas indagações sobre objetos e a arte, LAGROU (2003) em seus estudos antropológicos analisando o texto de Gell (2001) sobre rede de Voguel, observou um novo olhar do autor para outras culturas não-ocidentais, objetos que fazem parte das práticas dos grupos étnicos.

[...] Gell tenta olhar para o tema da Arte dessacralizante, pondo em suspeita a “veneração quase religiosa” que a nossa sociedade tem pela estética e os objetos de arte [...] (LAGROU, 2003, p.96).

Sendo assim, a proposta é olhar esses objetos com outros olhares, analisando seu modo de criação, a participação desses objetos nos rituais, que demonstram a questão social desses, pois, a materialidade construída pelos grupos demonstram a cultura e a identidade do grupo.

As exposições não tiveram como objetivo tornar esses objetos de memória da comunidade de Araçatuba em arte, ou até “sacraliza-los”, mas sim ter novos olhares para o patrimônio imaterial, que durante tempos estavam em áreas mais populares, distantes das universidades e dos espaços expositivos.

Mas de acordo com os desdobramentos das exposições, principalmente pelo viés educativo, as exposições alcançaram seu objetivo. Não posso fazer a defesa que esses objetos foram confeccionados para serem expostos como arte, mas tiveram o seu papel de reconhecimento de uma prática cultural em um espaço expositivo, apresentando a história de um povo através dos materiais significantes para esses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho com a banda de congo Mãe Petronilha, foi possível observar como que a materialidade, os rituais e as memórias estão entrelaçados no patrimônio imaterial, e como essa religiosidade está para além da prática, mas sim na vida desses agentes. Importante ressaltar que além dos anos de pesquisa na comunidade, ainda há muito a ser pesquisado e construído, pois como estou analisando uma comunidade que tem como base



a oralidade, é necessário o acompanhamento dos rituais, fazer e analisar entrevistas e registros.

Mas mesmo diante de uma série de indagações e alguns resultados obtidos, através da pesquisa, julgo a importância dos novos olhares para as comunidades tradicionais e suas culturas, fazendo com que essas acompanhem os desdobramentos das ações, possibilitando assim um olhar diferenciado para o pesquisador e a pesquisa, interligando a comunidade a Universidade, através do pesquisador.

E entender que para as questões acadêmicas e artísticas, as ações têm um significado, mas através dos encontros que vão além das teorias, compreendemos que estamos vivenciando as epistemologias do conhecimento.

Referências

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

LAGROU, Elsje. Antropologia e arte: uma relação de amor e ódio. In: **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 93-113, 2003.

GUELL, Alfred 2001. "A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte comoarmadilhas." In: **Arte e Ensaios** - Revista do Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes. UFRJ. ano VIII - número 8: 174-191.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003, p.21-39.

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischette. Dos Griots aos Griôs- a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. In: **Revista Diversitas**, São Paulo, ano 2, n. 3, set.2014 – mar.2015.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **O projeto político do território negro de Retiro e as lutas pela titulação da terra**. Tese de doutorado. PPGAS-UFSC, 2005.

POLLOK, Michael. Memória e identidade social, In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5.n 10, 1992, p 200-2012.

SANTOS, José Elias dos. **Negros no Espírito Santo/ Cleber Maciel; organização Osvaldo Martins de Oliveira**. 2ed. Vitória (ES), Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

VERTELO, Marcos Aurélio dos Santos, **Comunidade de Araçatiba, Viana,ES: Herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição**,Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória,2017.